

**7 – E Ele peregrinou sobre a Terra**

Decidido nos Mundos Interiores – como já se viu no capítulo 6 – o pleno reembarque do GOM no trem da Evolução acelerou a marcha da Civilização com o trabalho dos avatares e dos seres (simplesmente) humanos que os mesmos têm mobilizado na face da Terra.

Podem ser identificadas quatro linhas básicas no direcionamento do Programa do GOM na etapa iniciada com a eclosão da raça mãe indo-ariana. Estas linhas não se formaram imediatamente, antes se foram delineando ao longo do tempo.

- 1 – Destituição gradual da casta sacerdotal como detentora exclusiva do Conhecimento e de seu repasse à Humanidade.
- 2 – Em compasso com a abolição desse monopólio sacerdotal, estimulação do trabalho dos filósofos e pensadores, com base no raciocínio (mental concreto) abrindo para a abstração (mental abstrato-intuitivo).
- 3 – Introdução do monoteísmo como meio de contraditar as antigas religiões pagãs voltadas para a adoração das forças da Natureza.
- 4 – Multiplicação das linhas de ação humana, pela grande variedade das formas de pensar e sentir, traduzida inclusive na pluralidade de etnias e nações.
- 5 - Realinhamento da História, de acordo com o Programa Cósmico.

A “escolha” dos avatares (os protagonistas individuais da trama evolucionar) e dos lugares onde eles baseiam sua atuação no plano humano (as Terras Sagradas) nada tem de arbitrária.

No início da era atlante, ia-se de pé enxuto do sertão do Brasil ao Oriente Próximo. Era o restante de parte da pangeia, o continente primordial que, segundo certa teoria geológica, consistia dos atuais continentes, todos juntos. Os continentes como os conhecemos hoje teriam sido formados posteriormente pela fissuração do bloco original. Na Idade de Ouro da Atlântida, as águas oceânicas estavam quase totalmente limitadas ao leito do atual Pacífico, criado quando a Lemúria afundou.

Há indícios de que os planos do GOM, de resgate da superfície da Terra, incluíam (incluem) a restauração das capitais sagradas atlantes, praticamente nos mesmos lugares onde existiram.

No ponto de partida da trajetória da raça ariana, na velha Índia, já no plano da História moderna, delineou-se logo a tendência de mesclar a filosofia e a mística com a mitologia, no trabalho intelectual. Era a tônica do mental da nova raça. O Vedismo e o Bramanismo, sistemas filosóficos e religiosos filiados à Religião-Ciência dos atlantes, passaram por uma evolução secular, enriquecendo-se pela especulação filosófica e a integração de cultos locais. Diz o Aurélio: “Constitui o hinduísmo ampla manifestação cultural, expressando-se por uma riquíssima literatura de sentido poético-religioso, na qual se cristalizaram numerosos preceitos relativos à vida cotidiana e à

organização social, e se desenvolveram, através dos séculos, vários sistemas teológico-filosóficos”.

É válido identificar-se aí uma tônica da cultura ariana, da busca de linguagens que, sendo próprias de cada pensador ou poeta, tornam-se inteligíveis a todos pela via da comunicação. Com o tempo aparece a figura do Autor, que não fazia sentido na cultura atlante, onde não havia manifestação do pensamento que fosse assumidamente individual: toda manifestação era indiferenciada do cabedal sacerdotal, ligando-se diretamente ao ritualismo e à magia. Vale dizer que, com os arianos, a atividade cultural foi deixando de ser exclusivamente sacra para se tornar também profana.

Com a primeira sub-raça ariana aparece, em suma, a figura do pensador individual, que logo se torna filósofo. É um acontecimento relativamente recente, situando-se ao longo de uma faixa englobando do terceiro ao primeiro milênio a.C. A título de exemplo, podem ser citados: o hindu Viasa, codificador e comentador dos Vedas, obra literária fundamental do hinduísmo; Lao-Tsé, o poeta-filósofo chinês; o anônimo filósofo que escreveu o Eclesiastes, o mais filosófico dos livros da Bíblia, sendo esta a peça literária básica do judaísmo e do cristianismo, vindo depois a influenciar o islamismo também. E uns 900 anos a.C. surge a primeira figura reconhecida de autor-poeta: o bíblico rei Salomão, com seus belos Cânticos. Literariamente, os Cânticos são poemas que se filiam aos Salmos de Davi, onde a literatura estritamente sacerdotal (invocações da divindade) se funde às vezes com a criação poética pessoal, como na linda poesia-oração que é o Salmo 22 (23).

Os pensadores indo-arianos encontraram uma massa de cultos pagãos formados no meio do povo ao longo de todo o período de transição depois da predominância da raça atlante. Pela própria índole de seu mental, que desenvolveu a abstração, muitos desses filósofos trataram de obstar a tendência politeísta então dominante. Natural, desde que o politeísmo geralmente se liga a coisas concretas, divinizando objetos e fenômenos da Natureza. Habilmente, sem negar as crenças populares, os filósofos indo-arianos subordinaram todas as divindades (um sem-número delas) a um Ser Supremo uno, Brahma, como síntese e fonte de todas. Pode isto ser entendido como o primeiro passo, com efeitos a longo prazo, para a restauração da concepção da unidade fundamental do Universo e do culto a Deus como consciência una. Abria-se uma primeira porta para o resgate do significado da palavra **religião**. Tal redefinição recorre à etimologia do latim *religare*, “tornar a ligar”. Na tradição ocultista, é a *religação* de cada ego individual com o Todo, o Logos Planetário ou Solar, a Divindade.

No tipo de mental característico dos ários, o “retorno do Espírito à Casa do Pai” assume a tonalidade da iniciação individual dentro da iniciação da Humanidade como um todo. A magna diferença entre os atlantes e os ários reside em que, no estado de percepção e consciência dos primeiros, a abstração indispensável ao pensamento filosófico e à criação artística era uma raridade.

A Cultura atlante foi eminentemente mágica; e a Magia, algo de concreto para aquele povo. Na Cultura atlante, as leis da Natureza expressavam-se misteriosa e exclusivamente de conformidade com uma vontade extra-humana, dependendo, para seu co-

nhecimento, controle e aplicação, da crença em forças sobrenaturais e de fatores morais, subjetivos (Magia). Na Civilização ária, as leis da Natureza foram passando a ser aquelas percebidas, através de seus efeitos, pelos sentidos e as extensões destes (máquinas, procedimentos físicos), estudadas e comprovadas pela experimentação, compreendidas com o auxílio da abstração, generalizadas em formulações intelectuais e aplicadas objetivamente (Ciência).

A reconquista do *status* sagrado da Terra passou, no plano religioso, pela preparação do advento do monoteísmo. A semente para tanto já se encontra na antiga literatura da Índia: os Vedas, os Upanishads, o Baghavad-Gita, o Mahabharata, o Ramayana. Em todos estes textos está presente a influência da Sabedoria Iniciática, fonte da Religião-Ciência, chamada, pela Tradição, de Gupta Vidya (“sabedoria eterna” em sânscrito).

Uma série de avatares chamados Vyasa (que viveram entre 3500 anos e talvez 1000 anos a.C) incluiu, segundo a Tradição, o compilador e ordenador dos textos védicos na forma em que chegaram até nós; e também o autor do Mahabharata.

O Ramayana tem pontos de semelhança com a *Ilíada*, o poema grego atribuído a Homero e datado possivelmente de cerca de 600 a 700 anos antes do indiano, tido este como escrito entre 500 e 200 anos a.C., o que dá à *Ilíada* uma idade de cerca de 1200 anos. Em ambos narram-se guerras motivadas pelo rapto de uma mulher – espiritual e fisicamente bela -, respectivamente Helena (levada para Tróia) e Sita (levada para Lanka).

Segundo a interpretação teosófica, o texto hindu alude claramente à luta entre a nova raça-mãe, dos ários, contra os remanescentes da raça anterior, dos atlantes, personificada pelo gigante raptor Rávana, rei dos sinistros Rakshasas. Blavatsky refere-se aos primeiros como Adeptos da luz e aos segundos como Adeptos das trevas (Magia branca e Magia negra). Na linha de argumentação que vimos seguindo neste texto, não seria exagero ver-se aí um sinal de distinção entre a Ciência (conhecimento da Natureza com a participação da Razão) e a Magia propriamente dita, à maneira antiga (visceralmente não-racional).

Tanto o Mahabharata como o Ramayana são referências que estão na origem do Budismo. Sem ser propriamente uma religião monoteísta (no sentido ocidental moderno), o Budismo ampliou o caminho filosófico para o monoteísmo no extremo Oriente.

O monoteísmo de há muito já estava implantado entre os judeus, desde o segundo milênio a.C. E já uns oito séculos antes de Buda (que é do quinto século a.C.), sua introdução bem mais a Ocidente tinha sido tentada no Egito pelo faraó Khunaton (Akenaton), um avatara. Do ponto de vista dos historiadores profanos, Akenaton teria influenciado ou sido influenciado pela religião monoteísta do grande manu e avatara judaico Moisés (quase contemporâneo do faraó), ao tempo da longa permanência dos hebreus no Egito.

O Himalaia é a montanha sagrada dos hindus, que também têm seu rio sagrado, o Ganges. Na grande cordilheira e nas margens do rio, situaram-se na maior parte as Terras Sagradas dos indianos, a exemplo de Lumbini, cidade natal de Siddharta, que viria a ser o Buda, no sopé da montanha, hoje na fronteira indiano-nepalesa; e de Ayodhia, lugar de nascimento de Rama, o herói do Ramayana, sobre o Ganges, no centro-leste da Índia.

Entre os judeus, bem mais a oeste e alguns séculos depois, a geografia do sagrado apontou para o Monte Sinai e o Rio Jordão. Com a invasão israelita, as terras de Canã passaram a abrigar o primeiro povo monoteísta conhecido na História profana. Para o nosso tema, este aspecto é relevante porque da religião judaica originou-se o Cristianismo, e este fez a ponte entre as formas da religiosidade oriental e da religiosidade ocidental.

Certamente não por acaso, Jesus Cristo nasceu e trabalhou naquela região (Ásia Menor), geograficamente situada na interface do Oriente com o Ocidente, entre a antiguidade asiático-africana (mais remota) e a antiguidade europeia (mais recente).

Esotericamente, o vocábulo *Cristo* corresponde ao mais elevado grau da Iniciação, significando “o Iluminado” ou “o Verbo Encarnado”. Na concepção iniciática, Jesus de Nazaré é um avatara.

A Tradição refere-se às andanças de Jesus na Índia, onde, em Srinagar, ao norte, existe um túmulo apontado como sendo o seu. Em Jerusalém, cidade santa do Cristianismo, a Igreja do Santo Sepulcro marca o local da tumba de onde, segundo os cristãos, Ele ressuscitou. Aliás, um Avatara não está totalmente sujeito ao fenômeno que chamamos de “morte” e, na ótica ocultista, ambas as sepulturas têm significação limitada ao plano simbólico. Importante é que Jesus Cristo encontra-se tanto no contexto místico-ocultista quanto no místico-religioso.

Fundador do Islamismo, outra grande religião monoteísta oriunda do Oriente Próximo e também ligada ao Judaísmo na origem, o profeta Maomé faz parte da tradição dos avataras como um dos maiores entre eles. Sendo Meca a grande cidade santa dos islamitas, eles têm outros centros santificados, como Medina, terra natal do Profeta-mor, e a própria Jerusalém, já que os maometanos ortodoxos cultuam a memória de Abraão e consideram Jesus um grande profeta.

## **O SANTO GRAAL, TRAÇO DE UNIÃO ENTRE OCULTISMO E CRISTIANISMO**

O mais significativo traço de união entre as duas linhas da Tradição (cristã e iniciática), no que se refere à localização das Terras Sagradas, é o Cálice Sagrado ou Graal. Na linha cristã, este vaso, utilizado por Jesus na última ceia, foi o mesmo em que José de Arimatéia e Nicodemus, amigos do Crucificado, recolheram-lhe o sangue jorrado no Gólgota quando o centurião Longino o golpeou com a lança.

Na linha iniciática, o Graal já fora utilizado pela primeira vez nos remotos tempos da tragédia atlante, quando nele se depositou o sangue do casal imperial divino, de certo

modo vitimado na invasão da oitava cidade. Ainda segundo a lenda iniciática, anteriormente fez-se o Cálice ou Taça utilizando-se preciosíssima matéria-prima: a Esmeralda que se desprende da testa de Lúcifer no momento de sua queda, ainda no tempo da raça lemuriana.

No vaso, que ficou conhecido como o Santo Graal ou simplesmente o Graal (a Taça), vem-se depositando o sangue de todos os avatares – segundo uma revelação ocultista. No Graal, repositório da essência do fluido sanguíneo desses seres superiormente avançados no caminho da Evolução, representa-se simbolicamente a acumulação de sua energia espiritual, subjetiva, que tem reflexos no mundo objetivo, material, como cornucópia, supertalismã em todos os planos, fonte de todas as riquezas: conhecimento, pensamento, dinheiro, arte, cultura, agricultura, ciência, tecnologia, comércio, indústria etc. Deste modo, sua presença em um determinado país da Face da Terra impulsiona-o enormemente.

Sob a guarda dos seres dos Mundos Interiores, o Graal é trazido periodicamente ao mundo exterior como sinal da presença do poder divino. Em cada período, os agartinos “delegam” sua posse a uma determinada ordem ou escola iniciática. Esta tem como centro um determinado lugar, que então assume o valor de uma terra sagrada.

A partir de um vasto cabedal de referências, deve-se supor que o Graal são muitos: isto é, são várias as suas aparições disseminadas pela Terra e pela História, como se fossem produtos ideográficos do Cálice ou Taça original.

Para clarear esta informação com exemplos, basta destacar alguns aparecimentos do Graal sob diferentes nomes e circunstâncias.

No Mahabharata, luta-se pela posse do Cálice de Aritha. O Júpiter hindu, Indra, tira-o do Rei dos Nagas (a Serpente sagrada) e o leva para o Céu.

Quando são lançadas as bases do futuro império persa, aparece um cálice misterioso feito de turquesa, mineral azulado ou esverdeado, evocando a Esmeralda de Lúcifer, cheio do néctar da vida. Este conteúdo lembra a ambrosia, néctar dos deuses do Olimpo, alimento que dava e mantinha a imortalidade.

O *Jatâca*, tratado relativo ao nascimento dos *bodhisatwas* (nome genérico daqueles a quem falta uma única encarnação para chegar ao Nirvana, supremo estado de consciência), registra que Gautama Buda recebeu (de uma origem misteriosa) quatro cálices de safira, vindos dos quatro pontos cardeais. Ele os recusou, mas quando lhe trouxeram outros quatro, de pedra negra, aceitou-os, colocando-os um dentro do outro e ordenando que se tornassem um só. (A cor negra alude à Kali Yuga ou Idade Negra, ora em curso, durante a qual os grandes iluminados compadecidos trabalham para socorrer/resgatar a Humanidade).

A união ou pacto dos seres humanos com a Divindade marcou o apogeu da história judaica, nos reinados de Davi e Salomão (por volta do ano 1000-900 a.C.), sob a égide da Arca da Aliança, uma outra forma do Graal, simbolizando e concretizando a presença direta de Deus no mundo dos homens.

Data também dessa fase a estreita colaboração dos israelitas com seus vizinhos fenícios. Já então podem ser detectados sinais do futuro destaque do Brasil na cena do Programa do Governo Oculto do Mundo. Pode-se dizer que é dessa época o início objetivo da preparação da vinda do Graal para o Brasil. Este magno acontecimento viria a registrar-se em meados do Século XX, como se verá no capítulo XI do presente livro.

Como povo de vocação marítima e de grandes navegadores, os fenícios se encarregaram de levar as diretrizes do GOM a distantes regiões do globo terrestre. A Bíblia refere-se à misteriosa terra de Ofir, onde os dois grandes monarcas do Reino de Israel e Judá iam buscar ouro em abundância. No Segundo Livro das Crônicas, 8:17, está anotado que Hiram, Rei de Tiro, mandou navios e marinheiros que, acompanhados de servidores do Rei de Israel e Judá, foram até Ofir, de onde trouxeram quinze toneladas de ouro, incorporadas ao tesouro de Salomão.

Muito se tem especulado sobre a localização de Ofir e há quem diga que o nome Solimões, da primeira metade do maior rio brasileiro (que passa a se chamar Amazonas depois da embocadura do Rio Negro, seu afluente), deriva do nome do monarca judaico. Não sendo nosso propósito discutir esta questão, vamos limitar-nos a dar algumas informações sobre a opinião de que Ofir, o misterioso lugar com espantosa abundância de ouro, ficava na Amazônia.

Em 1937. O “Jornal do Comércio” de Manaus publicou artigo onde, sinteticamente, são citados fatos e pessoas que têm a ver com o aqui exposto. O periódico refere-se ao livro “Antiga História do Brasil”, de Ludwig Schwenhagen, que na abertura se reporta ao grande pesquisador da era pré-descobrimento, Bernardo da Silva Ramos. Na época da publicação da citada matéria, Silva Ramos era presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas. Diz o “Jornal do Comércio”:

*“O estudo da antiga história do Brasil começa no Norte. Em 1876, apresentou Onfroy Thoron em Manaus seu excelente tratado sobre as viagens das frotas do rei Hiram de Tyro, da Fenícia, e do rei Salomão, da Judéia, no Rio Amazonas, nos anos de 993 a 960 a.C. O sucessor de Thoron em Manaus é Bernardo Ramos, um legítimo amazonense”.*

O mesmo artigo informa que Ramos foi numismata e vendeu uma magnífica coleção de moedas antigas. Com os recursos apurados, “fez longínquas viagens às três Américas, visitou também a Europa, Egito e Babilônia, para estudar em todos esses países as antigas inscrições”.

Em seus estudos, Silva Ramos cita Theopompo, poeta e historiador grego antigo, quando dá conta de certa referência a um quarto continente (além da Europa, Ásia e África, conhecidos na antiguidade clássica), de imensa extensão e habitado. Informa o pesquisador (em entrevista a José Matos, publicada em 1927 pelo jornal *O Piauí*, de Teresina: “*Os cartagineses [fenícios de origem], senhores do mar, bloquearam durante três séculos o Estreito de Gades, Cadiz ou Gibraltar, para impedir que gregos e tirrênios [romanos] se comunicassem com o oceano e as terras de oeste, tendo o*

*senado de Cartago, segundo Aristóteles, decretado pena de morte a quem tentasse navegar para o país por eles descoberto além do Atlântico”.*

A monumental obra de Bernardo da Silva Ramos, “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica, Especialmente do Brasil” (Imprensa Nacional, 1930-39), reforça a idéia de uma tentativa de colonização fenícia em terras brasileiras. O autor decifrou um sem-número de inscrições, destacando-se aquela da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, que diz: “*Tiro Fenícia Badezir Primogênito de Yethbaal*”. Segundo o pesquisador, essa inscrição data do período 887-856 a. C., o qual marcaria o tempo em que navegantes fenícios andaram pelo Brasil.

Henrique José de Souza dá uma tradução que troca as posições (pai, filho) dos personagens mencionados: “*Yeethbaal Tiro Fenícia Primogênito de Badezir*”. No artigo “Brasil Fenício, Brasil Íbero-Ameríndio” (Revista Dharana n. 2, 1954), conta H.J.S um episódio ocorrido por volta do ano 850-860 a.C.

*“Tyro era a capital da Fenícia. Nela estava firmada a corte do rei Badezir, então viúvo. Do seu consórcio nasceram oito filhos. O primogênito (8º), como muito bem decifrou Bernardo Ramos, chamava-se Yetbaal (o Deus branco). Os outros sete irmãos o odiavam por ter sido aquele a quem Badezir mais amava, seja pelos seus dotes espirituais, seja pela sua alta inteligência, por isso mesmo o seu melhor conselheiro. Os próprios sacerdotes o respeitavam e muito o queriam. Entretanto, já de certo tempo, se tramava na corte a expulsão do imperador (o Pai) e de seus dois filhos, pois que o primogênito não era mais do que uma parrelha de andróginos, para fazer jus aos termos bem conhecidos do Andrógino Divino: no mundo Superior, Adam-Kadmon, no mundo inferior, Adam-Heve. Mas também, em várias teogonias, Osíris e Isis, Hélio e Selene, Castor e Pollux etc. Finalmente, eis que chega o momento da expulsão que, diga-se de passagem, não foi levada a efeito pelo sangue de irmãos, nem pelo próprio povo que antipatizava com os sete filhos de Badezir, amando e respeitando os dois primeiros, assim como o próprio imperador, pela sua virtude e obediência às cousas divinas. Com essa revolta, insuflada por alguns elementos da castas militar e religiosa (como aconteceu com “a guerra religiosa de Amenophis IV” ou Kunaton, 1370 anos a.C.), o País passou de império a República.*

*A flotilha que foi armada para trazer o rei, os príncipes, escravos, sacerdotes e alguns elementos do Povo que ficaram fiéis aos mesmos, era composta de seis navios: no primeiro vinham Badezir, os 2 filhos, 8 sacerdotes, cujo primeiro ou oitavo, como Sumo-Sacerdote, tinha o nome Baal-Zin (o deus da Luz ou do Fogo”, dois escravos núbios fiéis aos seus dois senhores, e a marinhagem, acompanhada de soldados que deveriam voltar depois ao antigo Império fenício... Nos outros navios, além da gente do povo, vinham mais 49 militares, também expulsos do País por terem ficado ao lado do rei Badezir, e seus dois filhos mais velhos... E mais 222 que, a bem dizer, era a elite do povo fenício”. (...) Esses novos habitantes “vinham preparar o Brasil fenício para o Brasil Ibero-Ameríndio, descoberto” [muitos séculos depois] “por Cabral, secundando Colombo... Assim, duas cortes ficaram constituídas: a temporal, pelo rei Badezir, pelos sacerdotes da sua antiga corte, alguns militares etc. e que ocupava toda a região que vem do Amazonas até Salvador (Bahia). E desta região até onde é*

hoje o rio Grande do Sul, ficava a corte espiritual, dirigida por Yetbaal, na sua forma-dual, acompanhado pelos dois escravos núbios, pelos 222 elementos da elite fenícia... e algumas outras pessoas”.

v

Esta referência ao Brasil íbero-ameríndio soma-se aos sinais, já citados, de que o Programa do GOM incluía uma posição de destaque para este país como grande terra sagrada, num futuro que parece estar-se realizando.

Os fenícios mantinham um movimento iniciático, a Ordem dos Cários. Os emissários cários atuaram por estes lados, já anteriormente à época da tentativa de Badezir, de estabelecer aqui uma colônia que criaria uma civilização sintonizada com o GOM. Esta parte do mundo estava praticamente adormecida, evolucionalmente, desde o colapso da Atlântida. Deve-se notar que a chegada da corte fenícia retirante coincide, na escala de alguns séculos, com o surgimento das civilizações pré-colombianas nos Andes e na Meso-América (Tiahuanaco e Macchu-Pichu, pré-incaicas) e olmecas-toltecas. Eram remanescentes da civilização atlante e surgiram independentemente da atuação fenícia por aqui.

Tudo indica que a deposição de Badezir na Fenícia apressou a execução da intenção já existente na Ordem dos Cários, de estabelecer uma ponta-de-lança indo-ariana no Brasil. Os fenícios, como os judeus/israelitas, filiavam-se a uma das sete sub-raças da raça-mãe ariana, a semítica.

O projeto malogrou por força de uma violência que vitimou fatalmente Yetbaal (na realidade, um casal de gêmeos). Ambos pereceram em um “acidente” na entrada da Baía de Guanabara, defronte do Pão de Açúcar (perto do ponto onde, na noite de Ano Novo de 1992, afundou o *Bâteau Mouche*, matando 55 pessoas).

A tragédia ocorrida há quase três mil anos deixou marca na mitologia não-ocultista. No livro “Aquém da Atlântida”, de Gustavo Barroso (da Academia Brasileira de Letras), registra-se a existência de uma lenda árabe medieval falando de uma “ilha Brasil”, onde certo demônio chamado Mano Satanás (“Mão de Satã”) costumava causar naufrágios na entrada da barra. Mas Barroso não chegou a registrar o mito em toda sua extensão.

Os gêmeos Yetbaal residiam na Pedra da Gávea (hoje, ruína de uma esfinge fenícia) e transitavam, por mar, entre este local e a atual Niterói (*Nish-Tao-Ram*, “o Caminho do Sol”), do outro lado da baía, onde celebravam rituais mágicos. Todo este trabalho visava a sacralização das terras banhadas pela atual Baía da Guanabara, criando a ambiência adequada à presença de seres evoluídos, vindos dos mundos interiores. Os príncipes fenícios utilizavam uma pequena embarcação movida a pedais por um dos escravos. Havia, contudo, opositores.

Estes, camuflados no Pão de Açúcar, recorrem à magia negra pesada para provocar uma tempestade repentina, que faz o pequeno barco afundar. Os três ocupantes morrem afogados. Quando o pai, Badezir, informado da tragédia, chega da Amazônia, manda mumificar os corpos, ficando as múmias depositadas no interior da esfinge da

Gávea. Badezir sobrevive por pouco tempo ao impacto da perda. Antes de morrer, ordena ao sumo-sacerdote que deixe sua própria múmia ao lado das dos filhos, por sete anos. Depois disso, é trasladada para um pequeno templo no recesso da selva amazônica. Há a expectativa de que esse monumento funerário seja encontrado brevemente.

Quanto aos despojos dos gêmeos Yetbaal, permaneceram na Gávea até recentemente (há menos de 50 anos), quando foram retirados.

O fim de Badezir e seus filhos causou o abandono do plano fenício, e a retomada do trem da Evolução no Novo Mundo sofreu um adiamento de mais de dois milênios, até que uma outra Ordem iniciática, a dos Templários, reativasse esse plano, já aí tendo por base o Graal, como veremos logo adiante.

É preciso dizer que esta lenda pertence exclusivamente à esfera esotérica e tem desdobramentos relacionados com a situação do Rio de Janeiro, sobre o qual passou a ter peso o carma daquele atentado. Entre grupos místicos, é corrente a idéia de que o emblema da cidade, a estátua do Cristo no Corcovado, deve ser sempre alvo da atenção dos moradores. Se um dia a mesma desabar, será o sinal da iminente invasão das praias, ruas e avenidas pelas águas do mar. Quem estiver atento, terá tempo de se retirar, salvando-se. Conforme dito no início deste livro (p. \*) a estranha marca que a estátua apresentava em meados da década de 70, exatamente sobre o peito, à altura do coração, foi removida numa obra de recuperação do monumento, realizada alguns anos depois. Seria uma indicação de que o carma do Rio de Janeiro foi em grande parte aliviado, inclusive pela mudança da capital para Brasília.

Existe um outro episódio ligado às ações preparatórias do papel relevante do Brasil no programa da Evolução. É a Lenda de Teresópolis, falando das lutas entre dois povos indígenas, os Grupiaras, culturalmente avançados, que viviam na serra, onde hoje se localiza Teresópolis, e os Caacupês, retrógrados, atrasados, habitantes da baixada, atualmente a localização da maior parte do Grande Rio. Depois de uma batalha decisiva, onde os Caacupês foram derrotados e se criaram as condições para o nascimento do líder espiritual esperado pelos Grupiaras, estes migraram para a região do atual Sul de Minas Gerais (v. a lenda em anexo a este capítulo).

### **A DEMANDA DO GRAAL EM TERRAS DO BRASIL**

Toda esta trama faz parte da doutrina dos avatares, segundo a qual o avanço da Humanidade está estreitamente ligado à presença, entre nós, de seres de alta consciência, vindos do Reino de Agartha. E a atuação deles, por sua vez, relaciona-se com a presença do Graal neste ou naquele ponto da superfície da Terra.

Foi na Idade Média que a lenda do Graal – como repositório das essências dos avatares, conforme descrito em cap. anterior – passou para o primeiro plano das expectativas e ações do Programa do GOM.

No imaginário europeu, a Demanda do Graal está centrada na lenda britânica do Rei Artur (ou Artus ou Artu) e os Doze Cavaleiros da Távola Redonda. Artur é um personagem histórico (do Século V) e também mítico. Uma vez por ano, reunia-se com seus Doze Cavaleiros em torno da Távola Redonda, para todos relatarem suas aventuras e seus problemas. Segundo vários poemas da época, em francês e inglês arcaicos, José de Arimatéia, levando a Taça contendo o sangue de Jesus, empreendera uma peregrinação e acabara feito prisioneiro no País de Gales. A partir daí, a Taça fica desaparecida por séculos.

A obra de Sir Thomas Malory, **“Le Morte Darthur”** (1485), relata esta parte e vai adiante. O Rei da grande Bretanha, Artur, lidera seus cavaleiros na busca do ideal de justiça e elevação espiritual. Um deles, Launcelot, é induzido, por artes mágicas, a ter um relacionamento com a filha do Rei Pelles, a princesa Elaine, que o cavaleiro pensa ser a esposa de Artur – um grave equívoco e injustiça, pois na realidade nunca houve o adultério da Rainha Guinevere. O filho daquela união vem a ser Sir Galahad. Em um dia de Pentecostes ele é levado à sala dos cavaleiros reunidos com o Rei Artur em torno da Távola Redonda e ali lhe oferecem o *“Siege Perilous”* (Perigoso Assento). Em meio a raios e trovões, a Taça aparece na sala, mas ninguém a vê. Os cavaleiros então juram empreender seu resgate. O eremita Naciens avisa que a tarefa só poderá ser levada a cabo por quem for puro e livre de pecado.

São muitas as peripécias vividas pelos protagonistas da Demanda. Galahad obtém em certa abadia um escudo branco com uma cruz vermelha, trazido por José de Arimatéia. Finalmente, Galahad, Percival e Bors chegam ao Castelo de Carbonek, têm uma maravilhosa visão do Salvador, recebem o Graal de suas mãos e o levam para o Reino de Sarras, onde Galahad sobe ao trono. Ao fim de um ano, ele morre, a Taça sobe ao Céu e nunca mais é vista. Segundo o registro ocultista, foi devolvida aos Mundos Interiores. Mas foi vista de novo, sim, voltando à Face da Terra, como se relata mais adiante neste livro.

O Rei Artur e seus Doze Cavaleiros fizeram o papel de Guarda do Graal. O nome do Rei evoca o da estrela Arcturus (Alfa do Boieiro), uma das mais brilhantes do céu, que tem essa denominação por estar próxima à Ursa Maior, parecendo guardá-la.

O resgate do Graal encerra a tradição pagã (gótica e céltica) da magia e da guerra como formas de estabelecer o reino da elevação espiritual, da Graça e do Amor, segundo a interpretação do *“Dictionnaire des Personnages”*, de Laffont-Bomopiani (França-Grã Bretanha, 4<sup>a</sup> reimpressão, 1992).

Pela tradição eubiótica, as Sete Igrejas do Oriente citadas no início do Apocalipse de João estão ligadas ao Mistério do Graal (Dhârânâ, jul/ago-1954. S.B.E. - H.J.S.). O apóstolo/profeta dirige cartas aos Sete Anjos daquelas Igrejas. Esses templos abrigaram, sucessivamente, a Taça (ou uma de suas imagens virtuais), tendo, portanto sido portadores e repassadores da Tradição do Cálice contendo o Sangue Vivo do Cristo, e sucedidas nessa função pelas Sete Igrejas do Ocidente.

Porém, na linha do papel programado para o Brasil, hoje o Mistério do Graal já não tem ligação com esses locais, tendo passado a outro nível que se situa em um plano mais ecumênico, supra-religioso (Cap. 11).

No ano de 800, Carlos Magno lançou as bases do Sacro Império Romano-Germânico ao ser coroado Imperador do Ocidente pelo Papa Leão III.

Carlos Magno e seus Doze Pares de França – expressão dos 12 signos do Zodíaco, como os Doze Cavaleiros da Távola Redonda e os Doze Apóstolos de Jesus Cristo – foram uma outra configuração da Guarda do Graal. O Imperador dos francos teria sido dirigido e orientado por ordens secretas iniciáticas, conhecedoras dos grandes mistérios da vida humana.

A conquista islâmica da Terra Santa dos cristãos levou Roma a promover a organização das Cruzadas com a missão de desalojar os muçulmanos da Palestina. A primeira Cruzada retomou Nicéia, Antióquia e Jerusalém em 1096, tendo fundado o Reino Latino de Jerusalém em 1099. Na Ásia Menor, os cruzados tiveram contato com mestres de sabedoria de origem arábica e de imenso valor intelectual e espiritual. Grande número de cristãos preferiram instruir-se ao invés de combater por um ideal sem objetivo evolucionar. Do fermento trazido por esses novos conhecimentos e experiências saíram as Ordens de Jerusalém ou do Cristo e a dos Templários.

O pesquisador Hernani M. Portela informa que “os Templários espalharam-se por toda a Europa. Trabalhavam para a implantação da Sinarquia [governo simultâneo de vários dirigentes espirituais supremos]. Possuíam esplêndida organização e visavam dois fins: a) constituição do que se poderia chamar Estados Unidos da Europa; b) distribuir instrução pública obrigatória e gratuita”.

No artigo “Cosmogênese – Antropogênese – Ordens Secretas”, publicado na Revista Dharana, n. 15/16 – 1960-61, acrescenta Portela:

*“Felipe IV, o Belo, então rei de França, tendo já dissipado tudo o que havia pilhado aos lombardos e aos judeus, sem conseguir, todavia, a unificação da França tradicional de Carlos Magno, tentou apossar-se das imensas riquezas dos Templários, originadas dos vencidos nas guerras de religião e de conquista e de doações que recebiam de príncipes e senhores feudais, pelo auxílio que prestavam a estes na expansão de seus domínios”.*

*Repelido em suas pretensões pelo papa Bonifácio VIII, cuja bula expedida em 5 de dezembro de 1301, faz queimar em praça pública, convoca o conclave que elege o arcebispo de Bordéus, Bertrand de Got, com o nome de Clemente V. Conseguindo o “sócio” para a grande aventura, o novo Pontífice, sem forças para repelir as despuddoradas imposições de Felipe IV, rei de França, consuma o grande crime, expedindo a bula “Ad providam Christi” que “sanciona a torpíssima resolução do concílio de Viana mandando suprimir a Ordem do Templo com a entrega de todos os seus bens aos “Hospitalários”, Ordem sem expressão, submissa às imposições do monarca ambicioso e sem escrúpulos.*

*Com a morte dos chefes templários, inclusive Jacques de Molay, desapareceu a ordem do Templo que, fundada no ano de 1118 de nossa era, foi destruída em 1312. Das suas cinzas saíram as ordens da “Cruz de Malta”, da “Cruz de Cristo”, de “Aviz” e outras que tiveram seus papel em épocas posteriores.*

O trecho a seguir é especialmente interessante por nos servir para fazer a ligação destes acontecimentos com o destaque previsto para o Brasil:

*“Possuíam os Templários excepcionais privilégios em Portugal, onde reinava D. Diniz, rei atilado e providente que, compreendendo os desígnios do Rei de França em relação aos Templários e a pusilanimidade de Clemente V, incapaz de se erguer à altura moral de seu predecessor Bonifácio VIII, criou a Ordem Militar de Cristo, por carta régia de 15 de novembro de 1319, para onde transferiu todos os privilégios e bens materiais dos Templários, cujos heróicos esforços enaltecia pela ajuda recebida para expulsão dos mouros das fronteiras de Portugal. Com a morte dos chefes templários, inclusive Jacques de Molay, desapareceu a ordem do Templo que, fundada no ano de 1118 de nossa era, foi destruída em 1312. Das suas cinzas saíram as Ordens da Cruz de Malta, da Cruz de Cristo, de Aviz e outras que tiveram seu papel em épocas posteriores”.*

A história das grandes navegações portuguesas, iniciada pelo trabalho do Infante Dom Henrique, o Navegador, no movimento que ficou conhecido como Escola de Sagres, fez-se em grande parte sob os auspícios da Ordem de Cristo. Esta possuía uma vertente iniciática, como herdeira do conteúdo ocultista dos Templários. Um aspecto pouco difundido é que, na Tradição ocultista e templária, conforme levantada por Henrique José de Souza, D. Henrique tinha ligações com a Grande Fraternidade (dos Mundos Interiores, ou seja, o Governo Oculto do Mundo).

Das primeiras décadas do Século XV até 1460, ano do falecimento do Infante, os portugueses assumiram a liderança mundial em termos de técnicas de construção naval, cartografia e navegação, explorando a costa da África. Estes avanços abriram caminho ao estabelecimento, no final daquele século, da rota oceânica para a Índia pelo contorno da África.

O projeto das grandes navegações, de custo quase inabordável, na época, para o pequeno Portugal, país de reduzida população e economia fraca, prendeu-se ao motivo explícito do interesse por ganhos materiais. Estes adviriam da mudança do eixo do comércio com o Oriente, quebrando o monopólio das cidades italianas na rota do Mediterrâneo. Havia também o pretexto da difusão da fé cristã.

Por trás destas motivações ostensivas, encontrava-se o cumprimento de um aspecto fundamental do Programa evolucionar, uma operação que Henrique José de Souza chamou de *Missão Y*. Esta consistia na realização prática, histórica, dos valores espirituais identificados com os planos do GOM, de conduzir a marcha da Civilização para Oeste, além do Oceano Atlântico, então conhecido na Europa como sendo o Mar Tenebroso.

O Y do nome da missão faz referência ao fato de que a mesma, de acordo com o esquema pré-estabelecido pelos continuadores dos Templários, partindo da Península Ibérica (Portugal e Espanha), abria-se em duas direções, uma para o Norte (México, Estados Unidos), outra para o Sul (Brasil). Para o destino na parte norte do Novo Mundo, quem cumpriu a tarefa foi Cristóvão Colombo em 1492, à frente de uma expedição espanhola que declaradamente partiu para chegar à Índia por meio de uma volta ao mundo (“ao Nascente pelo Poente”). Para a parte sul do Novo Mundo, coube a Pedro Álvares Cabral, em 1500, comandar a esquadra portuguesa que declaradamente iria consolidar a rota africana para a Índia, rota esta aberta por outro navegante lusitano, Vasco da Gama, entre 1497 e 1500. Cabral teria aportado ao Brasil “acidentalmente”, por ter sido obrigado a mudar de curso, em função de intempéries e correntes marinhas.

Na realidade, segundo documentos encontrados na década de 70 do século XX, sua viagem fora preparada dois anos antes, mediante uma expedição organizada por Duarte Pacheco Pereira, o continuador da obra técnica da Escola de Sagres. E na realidade mítica e mística, tanto Cabral quanto Colombo tinham conhecimento de que vi- nham realizar o plano de trazer a semente do estado de consciência da civilização ari- ana (esotericamente falando), implantando-a nas regiões do planeta que tinham abri- gado o centro da civilização atlante. Portanto, a missão de ambos era transcendental, importando em uma nova sacralização destas terras, há muito tempo dessacralizadas, isto é, marginalizadas do Programa evolucionar, em decorrência das catástrofes que destruíram a Atlântida.

Não se pode deixar de assinalar que algo do conteúdo mitológico dos Descobrimen- tos “vazou” para o conhecimento popular na época. Difundiu-se no meio do povo o mito de que nas terras recém “descobertas” situava-se objetivamente o Paraíso Ter- restre, o Éden reencontrado. No espírito de Colombo, o sentimento do mágico e do maravilhoso era tão forte, que ele viu sereias na ilha aonde chegou em uma de suas viagens ao atual Caribe. Os incrédulos sustentariam que ele viu fêmeas de boto – mas pode-se preferir que, com sua visão de iniciado no Ocultismo, Colombo avistou mesmo nereidas (ou ondinas), ninfas do mar.

Seu próprio nome tem conotação iniciática: “*Cristóvão*” significa, etimologicamente, “portador de luz” (conhecimento, cultura, civilização); e “*Colombo*” (do latim *co- lumbus* = pomba) faz alusão ao episódio bíblico da pomba que o patriarca Noé soltou da Arca para testar se as águas do Dilúvio universal já haviam baixado. O genovês a serviço da monarquia espanhola naquela missão de descobrimento comprovou que sim: as águas que haviam engolido a Atlântida tinham deixado, simbólica e realisti- camente, novas terras secas cujo repovoamento civilizatório poderia então começar.

Também Pedro Álvares, o descobridor português, adotou um nome em ligação com o sentido oculto de sua tarefa: originalmente ele usava o sobrenome “*de Gouveia*”, ten- do adotado o de “*Cabral*” ao receber do Rei a missão de comandar a esquadra que oficializaria o Descobrimento do Brasil. O novo sobrenome “amarrava” sua missão ao Trópico de Capricórnio (cabra), para onde ele se dirigiu. No seu brasão de armas, há a imagem de três cabras dispostas triangularmente.

No Ocultismo templário, a cabra ou bode é um totem de Lúcifer no sentido esotérico. Sendo *Lúcifer* e *Cristóvão* etimologicamente sinônimos virtuais, pode-se incluir *Cabral* nesta sinonímia, onde os três termos significam, afinal, a mesma coisa. Aliás, consta que Cabral e Colombo se conheceram durante os dez anos que o genovês passou em Lisboa tentando conquistar, da Coroa portuguesa, apoio para seu projeto, o que mais tarde foi obter na Espanha.. Isto ocorreu porque no reinado de D. João II, que no trono português precedeu D. Manuel I, rei ao tempo do descobrimento do Brasil, ficara consagrado o plano de se chegar às Índias pelo contorno da África. Ostensivamente, o plano de Colombo, que ele realizou com o respaldo espanhol, era contornar o próprio globo terrestre... Colombo certamente sabia que a terra onde aportou na expedição de 1492 não eram as Índias, e sim o remanescente da Atlântida, mas preferiu não divulgar isso. Daí que o Novo Mundo foi chamado durante algum tempo de “Índias Ocidentais”; e seus aborígenes, de “índios”.

A reforçar a interpretação iniciática, há ainda o fato de que o primeiro governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, ao chegar à Bahia em 1549, tinha no seu brasão a inscrição latina *Sic Illa ad Arcam Reversa Est* (“E assim ela voltou para a Arca”), com a figura de uma pomba trazendo um ramo no bico. Segundo os eubiotas, a sonoridade do vocábulo *arca* evoca o nome do Reino de Agartha, que na tradição templária está na origem de toda esta trama evolucionar. Dela virão a fazer parte outros personagens dos primeiros tempos da História do Brasil, como João Ramalho, Diogo Álvares Correia (o Caramuru), Catarina Paraguaçu e José de Anchieta.

Estes protagonistas vincularam-se à proposta original da Ordem dos Templários para a retomada do trem da evolução aqui, com a intermediação da Ordem de Cristo, que sucedeu aquela. Do ponto de vista acadêmico, não há provas disto. Contudo, a atuação deles tem uma orientação claramente ligada à perspectiva da preparação do Brasil para uma nova situação ao mesmo tempo cósmica e histórica. Nesse sentido, eles se destacam como heróis em meio a uma imensa maioria que, quase sempre, atua inconscientemente em sentido contrário, muitas vezes deturpando e frustrando a intenção construtiva desses poucos.

Mas antes de chegar a centralizar-se no Brasil, a trama do GOM iria passar por uma de suas tentativas mais diretas, a fundação da Sociedade Teosófica em Nova Iorque, um dos assuntos do próximo capítulo.

### *A Lenda de Teresópolis*

*Henrique José de Souza*

*Esta história é desconhecida, por completo, dos mais ilustres historiadores justamente devido ao fato de ter ocorrido em remotas épocas, e com o passar dos anos, haver se transformado em lenda. Acha-se estreitamente ligada aos mistérios que envolvem a grandiosa Obra em que está empenhada a S.B.E., mostrando uma face oculta sobre Teresópolis, que demarca a etapa anterior a que chegou a Mônada, na sua marcha evolucionar, através do Itinerário de IO, antes de firmar-se no 23° de latitude Sul do Trópico de Capricórnio, na cidade de São Lourenço, em Minas Gerais.*

Muitos séculos antes de Cabral ter aportado na enseada a que ele mesmo deu o nome de Porto Seguro, e o Brasil não ser mais do que “uma selva”, embora de há muito banhada pelos aurifulgentes lampejos de Svaraj, como ‘ sétimo raio do Sol místico Surya”, anunciador da “Missão dos Sete Raios de Luz”, região poupada pela grande catástrofe atlante, ocorrida há perto de um milhão de anos e onde as serras do Parimã, do Roncador, dos Órgãos, da Canastra, Mantiqueira e outras mais se erguem, altivas e garbosas, para a abóbada celeste, como “lugares jinas do Brasil” e que certos gananciosos civilizadores se arrogam o direito de devassar, dando preferência ao ouro e à gemas preciosas “que se ocultam no seio da terra”, ao invés da chamada “proteção aos índios”. O lugar hoje conhecido por “Baixada Fluminense”, e toda a zona que, na mesma latitude, compreende a serra onde está a formosa Teresópolis, em direção a Magé, era o reduto de duas poderosas tribos: a que vivia na planície, muito maior, formada pelos terríveis Caacupês, enquanto a da montanha, pelos Gurupiaras ou Grupiaras. Esta, embora guardiã dos mais preciosos tesouros iniciáticos da civilização atlante, era cruelmente perseguida pela primeira, cujas características comprovavam a sua afastada origem lemuriana.

Teosófica mente falando, os Caacupês eram francamente lunares ou apásicos, por viverem na planície, numa região um tanto pantanosa, enquanto os Grupiaras, uma raça solar, como prova, por sua vez, a escolha dos altos cumes da Serra por morada, cujo nome naquela época, era Itapira. Quanto à elevação que hoje tem o nome de “Dedo de Deus”, chamava-se Aca-Bangu.

Invejosos e maus, como eram os Caacupês, todo o seu desejo consistia em aniquilar até o último rebento dos seus bondosos vizinhos, e apoderar-se da jovem Abayu, filha de Guarantan, chefe da tribo dos Gurupiaras. Abayu, como verdadeira sacerdotisa mantenedora de Agni, o fogo sagrado, vivia em “tabu”. Sabia muito bem dos seus espirituais privilégios, o feiticeiro da tribo inimiga, chamado Bagé-Baguá, famoso evocador de anã e anhangá, ou sejam, os maus espíritos e o próprio diabo. Insinuara ele, ao chefe da tribo dos Caacupês, de nome Cabuna, o “o casamento do seu filho Apiamira, com a formosa e privilegiada jovem Abayu, para que dessa união, nascesse o futuro chefe da tribo dos Caacupês”.

Entretanto, do lado oposto, havia alguém que vigiava muito de perto “a virgem do tabu”, ou seja, o seu inseparável amigo protetor e “mestre”, senhor de grandes poderes oculto, e pagé também da mesma tribo, cujo nome era Açocê-Bu. Nem podia deixar de ser assim, porquanto, neste mesmo “tabu” se conservava a velha tradição de “um enviado do céu”, o grande “Cabaru-Tupã” que devia desposar a “formosa Abayu”.

O nascimento da mesma Abayu, já fora anunciado “por um ser de grande esplendor”, à sua mãe Morirá, de quem a filha herdara a beleza e outros predicados, além dos espirituais que lhe davam o direito, portanto, de ser “a esposa do enviado do céu”, e conseqüentemente, a mãe do futuro chefe da tribo dos Gurupiras.

Logo que a virgem completou os dezesseis anos de idade, e os sinais celestes, inclusive, os relacionados com o primeiro dia da Lua Nova, e Júpiter com Saturno em

conjunção, foi ela mesma quem, sua mãe já tendo falecido, recebeu o aviso feito por um anjo (ou Deusa) “de que, o seu Bem-amado estava prestes a chegar, para, na mesma ocasião, tomá-la por esposa, depois de derrotar os ferozes inimigos da tribo dos Gurupiras. E dessa união, mais mística do que sexual, nasceria Aquele que deveria conduzir seu povo a região da fartura, da paz e da felicidade”...

Ciente, o seu protetor e amigo, de tão auspicioso acontecimento, ele conduziu a virgem à presença de seu pai, para que este, por sua vez, prevenisse a todos os filhos da tribo, que o momento da grande batalha, que deveria ser travada com seus vizinhos inimigos, se aproximava, e, como consequência, a chegada do “enviado dos céus, o filho de Tupã, que tomaria por esposa “a virgem do Tabu”, por todos querida e respeitada.

Durante os três dias que antecedem ao primeiro da Lua Nova de Maio, o ritual foi mantido com todo o rigor. E as armas preparadas para a grande luta, que deveria travar-se na mesma ocasião.

Na planície, os Caacupês previam alguma coisa inesperada, pois. Além de acenderem fogueiras que se refletiam em grande extensão, como sinal a todos os filhos da tribo, para se aproximarem do lugar, dançavam, cantavam, fazendo rufar os guararás, soprando os catapuços e os borés, de modo verdadeiramente ensurdecedor.

O céu, até então crivado de estrelas, começou a tomar um aspecto sombrio, as nuvens encaracolando-se, mais pareciam serpentes aladas querendo despenhar-se em cima do lugar visado pela forças cósmicas, para um grande novo acontecimento no mundo dos mortais.

Os filhos da tribo privilegiada dos Gurupiras, com seu chefe à frente, ladeado por sua filha Abayu e o sacerdote Açocê-Bu, estavam formados em três círculos concêntricos, no mais transcendente dos simbolismos, que, em verdade, é o dos três sóis, tendo por trás, o Sol Oculto ou espiritual...

O mesmo fenômeno se dava no céu: nuvens, comprimindo-se de encontro umas às outras, deixavam no centro um grande rombo, em forma circular, como se fossem três arco-íris ligados nas pontas, à guisa de grinaldas de flores. E onde se via, por baixo, rutilando no esplendor do seu próprio simbolismo, o Cruzeiro do Sul.

Eis quando, do seio da terra, línguas de fogo começaram a erguer-se, como se fossem verdadeiras e enormes fogueiras. Por sua vez, fogos cambiantes, em forma de bolas, saltitam por toda a parte, principalmente, de um serro a outro, obediente às três cores matrizes: amarelo, azul e encarnado.

Em baixo, o clamor terrível dos Caacupês, dava a impressão de perigosos demônios lançados do inferno, desafiando as criaturas, os próprios deuses nos céus. Com os punhos voltados para o cume da Montanha, gritando, gesticulando, lançando as primeiras flechas, como desafio à tribo privilegiada dos Gurupiras, o quadro cada vez mais se assemelhava ao da “capital do inferno”, pois, segundo Milton, seu nome era: Pandemonium.

*E uma chuva de estrelas riscando a abóbada celeste, em todos os sentidos, já então completamente despida de nuvens, foi o sublime prenúncio da vinda do “Cavaleiro das idades”, o enviado dos céus, “o Filho de Tupã”, há tanto tempo esperado pela tribo dos Gurupiras, a contar todo um ciclo numeral e cabalístico de “luas novas, que se sucediam uma às outras”...*

*Iguabebê! Iguabebê! Cabaru-Cabaru-pararanga! Cabaru-pararanga!, exclamavam, numa alegria indescritível, os filho da tribo dos Gurupiras.*

*E como se tivesse caído do céu, apareceu no centro dos três círculos, bem diante do “Tabu”, “O Cavaleiro das Idades”. Seu cavalo todo ajaezado era de uma alvura imaculada! Ele saltou dos estribos e dirigiu-se primeiro a sua esposa. Ajoelhou-se e tomando entre as suas, as delicadas mãos da jovem sacerdotisa, beijou-as com todo o respeito. Ergueu-se e abençoando toda a tribo, foi direto ao sacerdote. Açocê-Bu, que, neste momento, prostrando-se de joelhos diante de Cabaru-Tupã, beijou a terra três vezes. A seguir aproximou-se de Guarantan, o Chefe da tribo, beijou-lhe a frente, estreitando-o nos braços. “Chefe da tribo dos Gurupiras, disse ele, a quem coube a graça de ser pai da divina Abayu, filha também de Morirá, hoje no reino celeste, eu te saúdo repleto de amizade e respeito. Tu és o tronco donde vai surgir a nova raça, da qual meu filho Mora-morotim será o guia espiritual... E eu, sou “O filho de Tupã”, do qual se originam todos os seres da Terra. E para o qual todos eles hão de voltar um dia, purificados da sua primitiva mácula...*

*E tomando da sua espada flamígera, lançou o grito de guerra, que foi ecoando pelas quebradas da serra, pela floresta adentro...*

*Nesse ínterim, os mais afoitos da tribo inimiga, como que possuídos do diabo, alcançavam os altos penhascos da serra do Itapira. Enquanto os que se achavam apenas nos contrafortes, manejando poderosos arcos, enviavam para o alto as agudas e venenosas flechas preparadas para aniquilar “até o último rebento da tribo dos Gurupiras”.*

*Eles haviam presenciado o “milagre”. E com isso, a sua fúria foi muito maior.*

*Entretanto, um ruído estranho se fizera ouvir, partido do seio da terra, abalando a própria montanha. E uma chuva de pedras começou a desabar sobre “os inimigos da Lei”: os decaídos “lunares” em combate com os “solares”, os filhos do céu. E às rochas maiores, sucederam as menores.*

*Foi uma devastação horrível! Muito mais, quando “o cavaleiro celeste”, à frente do seu exército, despenhou-se pela montanha abaixo, como se tivessem todos, sem exceção alguma, asas no pés.*

*Por toda a parte, cadáveres da tribo inimiga. Embora, porém, guardando distância, estava postada uma grande massa humana, feroz, terrível, como os próprios demônios!*

*A batalha maior teve lugar na planície. Mesmo assim, dentro em pouco, estava quase dizimada a tribo dos Caacupês, porquanto os poucos elementos que lhe restavam, fugiam espavoridos para as bandas do Norte.*

*O povo privilegiado, seguindo seu chefe temporal e espiritual, começou a galgar o espinhaço da serra do Itapira. Em chegando ao alto, foi recebido pelo Chefe da tribo, ladeado por sua filha Abayu e o sacerdote Açocê-Bu, além de doze guerreiros escolhidos, formando aquela misteriosa “corte”, que de nenhum modo deveria, naquela ocasião, abandonar o “tabu”. O ritual do casamento teve lugar. As festas se prolongaram durante sete dias.*

*Nove meses depois de tão auspiciosos acontecimento, teve lugar um outro maior: a vinda à luz do dia, de Mora-Morotim, o futuro chefe e Guia da tribo dos Gurupiras, em direção “a região da fartura, da paz e da felicidade”. Tal fato, entretanto, só se deu, vinte um anos depois, quando este Ser alcançou a maioridade.*

*Um grande cortejo, formado por algumas centenas de pessoas, dirigiu-se para a “Terra Prometida”. Nessa época, já o “Cavaleiro Celeste” havia desaparecido, da mesma maneira por que havia chegado. Durante muito tempo, preparou ele, o espírito de sua esposa, para aceitar aquela dolorosa separação, como uma “Ordem emanada do céu”.*

*E a tribo chegou, finalmente, ao lugar apontado pela secular tradição, o qual não é outro, senão, o que traz ainda hoje o misterioso nome de Ayuruoca.*

*Tal como acontecia com Tamandaré, Mora-morotim, “ensinava aos filhos da tribo, o que, durante a noite aprendia dos céus”.*

*E a tribo continuou feliz por muito tempo.*

*Homenagens as “Sete rosas que ornaram a Coroa de São Lourenço”, na razão de um sistema planetário transformado em geográfico e um dos maiores mistérios de que se acha envolvida a Obra dos Deuses, cujo nome, como se sabe, é Missão Y.*

*Os nomes das sete simbólicas rosas do referido sistema, são Ayuruoca, Conceição do Rio Verde, S. Tomé das Letras, Maria da Fé, Carmo de Minas, Itanhandu, e Pouso Alto, pouco importando a colocação da duas últimas. No centro, o Sol místico: “a capital espiritual do mundo”, a cidade das curas e dos prodígios. Em resumo: a Laurenta Sul-mineira.*

*O silêncio, a quietude mística que envolvem a todas elas, serão como gotas de orvalho caídas no coração do homem justo, sábio e bom, cujo coração é, de fato, a corola de uma Flor estranha, a palpitar noite e dia, atendendo aos impulsos da Luz Divina, emanada do único e verdadeiro Sol: Parabrahmã.*

*Aponta-o, na sua gigantesca e apoteótica magnificência: o Dedo de Deus.*

---

Esclarecimentos

*Como se viu, a raça lunar ou a dos Caacupês vivia na planície, ou lugar patanosos, apásico, psíquico ou astral. Enquanto a solar, ou dos Gurupiras ou Grupiaras, no cume da montanha.*

*Cume ou Kumara, tanto vale. Outrossim, vemos reproduzida a tradicional batalha “entre lunares e solares”, como aquela do Mahabhárata, “no campo de Kurukshe-tra”, que é o da vida*

*Vejamos agora, os nomes dos personagens, lugares e coisa, que fazem parte da referida lenda:*

*Itapira: o nome da serra, onde hoje se assenta a bela Teresópolis, cujo nome, como se sabe, provém da Imperatriz do Brasil, D. Teresa de Alcântara; do mesmo modo que, Petrópolis, de seu esposo e último imperador do Brasil, D. Pedro II. Itapira quer dizer: “a pedra inclinada”. Em outras línguas pré-cabralinas: “Montanha de Fogo”.*

*Magé: nome que tem hoje a parte litorânea da referida região: significa: “o antro do feiticeiro”. O que diz bem da raça que habitava a planície, e também, do seu pagé.*

*Pagé-Baguá: “o feiticeiro da lagoa”.*

*Pagé (Bagé): “feiticeiro ou mago”, termo este que, sendo anagrama do Ogam, africano, é dado ao “pai de santo ou do terreiro”. Evocador e anã e anhangá, (no tupi), ou sejam: almas errantes (kama-rupas), como se diz no Oriente) e o mesmo, “diabo”.*

*Aca-Bangu: antigo nome do penhasco que tem hoje, o nome de Dedo de Deus, significa: “A ponta, a saliência escura da serra”.*

*Caacupês: nome da tribo lunar ou da planície, tem o significado, “por baixo do monte”. Guararás, Catapuçus e Borés: tambores, búzios, canas, etc. Cabuna: nome do chefe dos caacupês, significa: “a vespa negra”.*

*Apiamira: nome de seu filho, com o qual, desejava a tribo que se casasse Abayu, a sacerdotisa ou jovem que vivia em “tabu”, na tribo dos Gurupiras, significa, “o pintado, o macho, o varão de um povo, etc.”.*

*Gurupira: nome da tribo solar ou do alto, quer dizer, “o que fica por trás da serra, do monte, etc.”.*

*Guarantan: nome do chefe dessa tribo, significa “a madeira rija”, “o forte, o guerreiro, etc.”.*

*Açocê-Bu: nome do pagé superior ou sacerdote, aquele que protege às ocultas (uma espécie do “Dai com a direita, que a esquerda não veja”).*

*Araberi: também era seu nome, como significado, “o peixinho dourado” (da água doce, etc.). No Zend: Arabin, ou seja, “o que preside o fogo”, na mesma razão do termo sânscrito, Arambha-Berham.*

Abayu: nome da virgem em “tabu”, ou sacerdotisa, significa, “a que tem os cabelos ruivos ou louros”. Mori-Ra, nome de sua mãe, quer dizer, ‘A ventura das venturas’ (a felicidade solar).

Cabaru (ou Cabayu) Tupã: “o cavaleiro celeste”, o esperado (o cavalo alado). Também chamado: Botucavaru.

Iaguabebê: “estrelas candentes”. Cabaru-Pararanga: “o cavalo das nuvens”, “alados”, etc.

Mora-Morotim: nome do “filho da tribo”, ou seja, “aquele que devia guiá-la à região da fartura, da paz e da felicidade”, tem por significado: “o alvíssimo filho do povo”, o puro, o imaculado, o perfeito, etc. Note-se que os dois termos são escritos com a misteriosa letra “M”. Exemplo: Mitra, Maitri, Maitreya, etc. Além de que, Mora faz lembrar outros termos sagrados, como sejam: Morya, Mouro, Meru, Maru, etc. Tamandaré (ou Tamoinda-Ré): quer dizer, “o repovoador”, “o condutor do povo”, etc.

Ayuruoca: região para onde foi conduzido o povo da montanha Itapira, pelo Manu acima referido, quer dizer, em língua tupi: “o buraco da rocha, da caverna, etc.”. Em sânscrito, se decompõe em dois termos que completam esse mesmo sentido, ou seja: Ayu (ou Ajur) e Loka: “a região da luz”, da Iluminação, da Sabedoria Perfeita (Eubiose, a Ciência da Vida). Donde ser “a região da verdadeira Paz e da Felicidade”.

Finalmente, Roncador, ou seja, o nome que tem hoje a conhecida serra mato-grossense, era chamada pelos tupis: Itaporoca, “a pedra que ronca, que ruge, que fala, etc.”.

Os gentios daquele lugar, também, a denominam Matatu-Araracanga, com o significado de “cabeceira” das araras”. (Atualmente o seu sentido se perdeu, entretanto ficou a corruptela de Matutu). Aquele termo como também o segundo, de que o gentio se serve para a serra do Roncador, fazem lembrar o Monte Ararath, bíblico, onde a Arca de Noé encalhou.

No entanto, existe um outro lugar, que, a bem dizer, é “uma projeção da mesma cordilheira”, à qual se aplica muito melhor, aquele termo, ou seja, “Serra da Araras”.

(Dhâranâ n. 124 - 1945)